

LITH. GUEDES R. DE VASCO DA GAMA, 9.

O TRINCA-FORTES

LUIZ DE CAMÕES

Morreu ha trezentos annos, mas coisa extranha! n'este momento está muito mais vivo do que quando expirou!

E não se sabendo bem aonde nasceu, nem sendo coisa perfeitamente garantida quaes sejam os seus ossos, acontece que ainda não houve ninguem que tivesse a sua identidade mais reconhecida, nem individuo que tivesse mais popularisado o seu perfil!

Nos azares da guerra, em Africa, perdeu um olho. Depois d'isto succeder principiou a ser um *vidente!* É exactamente quando cega que o seu olhar penetra a sombra das idades!

Luiz de Camões, ou o *sublime epico* — segundo o pseudonimo por que n'este momento é conhecido nas circulares dos corpos administrativos — apenas em vida, ha tres seculos, logrou que lhe chamassem o *Trinca-Fortes*, e alem d'isso o — *Diabo*. Já ao Dante succedera quasi a mesma desgraça quando ao passar pelas ruas de Florença as mulheres o apontavam a dedo, dizendo: olha o maldito! parece que vem do inferno!

Foi escrivão dos defuntos e auzentes de Macáu e o rei de Portugal, em recompensa do seu engenho, estabeleceu-lhe durante tres annos uma tença de quinze mil réis, ou tanto seja em globo, réis quarenta e cinco mil.

É na verdade pouquissimo, mas devemos attender a que os tempos não melhoraram muito. Em Portugal no tempo presente não ha ninguem que se atreva a dar dez libras pelo genio mais garantido e de melhor qualidade.

Como escrivão dos defuntos e auzentes de Macáu, Luiz de Camões em vez de escrever assentamentos e trazer a sua escripturação em dia, sentindo-se mais propenso para a immortalidade do que para Escrivão do civel, deixava frequentes vezes a repartição e ía metter-se na gruta de Macáu a escrever versos.

Os amanuenses do ministerio da fazenda costumam hoje fazer a mesma coisa, mas nem por isso em compensação de não expedirem os officios a tempo, nos dão uns *Luziadas* de quando em quando. Ha quem desconfie que é por não terem no Terreiro do Paço uma gruta de Macáu á mão.

Seja como fôr, o que é certo é que, por Luiz de Camões se sentir inspirado, em vez de se sentir Escrivão, que nós temos hoje o inventario das nossas glorias escripto n'um volume sublime.

Se a providencia em vez de lhe ter cingido a fronte com uma aureola de luz, lhe tem enfiado definitivamente no braço uma manga d'alpaca, Portugal, a respeito das suas tradicções gloriosas, tinha uma consciencia egual pouco mais ou menos á dos pelles vermelhas.

Os defuntos e auzentes de Macáu estariam talvez a esta hora n'uma situação risonha, podendo cada vez que quizessem obter uma certidão em papel sellado, dos seus interesses garantidos. Assim levou-lhe, o demonio os bens, mas nós ficamos com uma epopeia que é a certidão da nossa existencia historica.

Um dos pontos em que mais teem insistido os biographos de Camões é nos seus pretendidos amores com Catharina d'Athayde. Aqui a lenda fez do grande épico um personagem excessivamente romantico, e por um pouco que não lhe attribuem aquelles sentidos versos tão nossos conhecidos:

Era de noite quando a imagem tua
Á luz da lua seductora vi!...

Em quanto ao mais, n'estes amores de Camões, o trovador soldado não representa, segundo a tradicção sentimental, um papel muito mais épico do que qualquer trovador de lanceiros.

No momento em que se celebra o centenario do cantor das nossas glorias, no instante em que elle passa pela rua do Oiro que nunca vira, e que em compensação ella só ha pouco principiou a ler, era justo que o *Album das Glorias* abrisse um parenthesis entre as celebridades do dia para dar um logar aquelle que, se fosse vivo nos nossos dias, estaria quando muito director d'um ministerio, mas que assim, morto ha tres seculos, está director da consciencia nacional!

Luiz de Camões reconstruido segundo o criterio historico, sem rhetorica cingida na fronte sob a forma d'uma corôa de loiros, ahi fica em toda a sua personalidade humana. Se o representassemos pedindo a palavra depois da ordem do dia para combater ou applaudir as medidas do governo, ou vestido para representar n'uma recita de curiosos, comprehende-se que o devessemos patentear de grinalda de verdura na fronte, com uma clamyde constitucional traçada ao hombro. Assim damos um *homem* que pode ser um eleito da immortalidade, em vez de darmos um bardo que podia ser eleito das ilhas adjacentes.

João Rialto.

2081 — TYP. EDITORA ROCIO, 67